

REIS, E. P. R. Um panorama das hipotáticas adverbiais na fala de Copacabana. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. [www.revel.inf.br].

## UM PANORAMA DAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS NA FALA DE COPACABANA<sup>1</sup>

*An overview of adverbial hypotactics in the speech of Copacabana*

**Eduardo Patrick Rezende dos Reis<sup>2</sup>**

eduardorezende@letras.ufrj.br

**RESUMO:** Este trabalho visa a apresentar uma análise do comportamento das cláusulas hipotáticas adverbiais, em amostras da fala de indivíduos de Copacabana - Rio de Janeiro, retiradas do *Corpus* Concordância. Para tanto, apresento os tipos de hipotáticas que ocorrem nessas amostras e os conectores que as introduzem. Uma atenção especial será dada ao comportamento das hipotáticas temporais, condicionais e finais, bem como à polifuncionalidade de “quando”, “se” e “para”. Por considerar contextos reais de uso, o arcabouço teórico que sustenta esta investigação é o do Funcionalismo (Givón 1979; 1995), que entende que a gramática se “molda” por pressões do discurso. A hipótese norteadora deste trabalho é a de que o contexto discursivo em que a cláusula adverbial está inserida pode influenciar na apreensão da sua nuance semântica (cf. Decat 2001; Ferreira 2013; entre outros). Para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizado o pacote de programas Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Hipotaxe adverbial; polifuncionalidade; Funcionalismo.

**ABSTRACT:** This paper aims to present an analysis of the behavior of adverbial hypotactic clauses in a speech sample of individuals born in Copacabana - Rio de Janeiro, taken from the *Corpus* Concordância. The types of hypotactics that occur in these samples are presented as well as the connectors that introduce them. Special attention will be given to the behavior of temporal, conditional and final hypotactics, as well as to the polyfunctionality of “quando”, “se” and “p(a)ra”. As the analysis considers real contexts of use, the theoretical framework that supports this investigation is that of Functionalism (Givón 1979; 1995), which understands that grammar is “shaped” by discourse pressures. The guiding hypothesis of this work is that the discursive context in which the adverbial clause is inserted can influence the understanding of its semantic nuance (cf. Decat 2001; Ferreira 2013; among others). For the statistical treatment of the data, the Goldvarb X software package has been used (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2005).

**KEYWORDS:** Adverbial hypotaxis; polifunctionality; Functionalism.

---

<sup>1</sup> Agradeço aos pareceristas pelos comentários e sugestões, que tornaram certos pontos do texto mais claros. Todas as falhas remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista FAPERJ.

## INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, estudos sobre a articulação das orações têm ganhado força, fomentando linguistas a pensar, com maior acuidade, sobre a natureza dos mecanismos que promovem essa vinculação. Nas gramáticas tradicionais (GT), observa-se que os processos de organização sintática são entendidos e difundidos como dicotômicos: de um lado, encontra-se a subordinação; do outro, a coordenação. Para a definição (e distinção) desses processos, é utilizada a noção de dependência sintática (cf. Bechara 2004), de modo que a subordinação seria caracterizada como o mecanismo de articulação em que um termo exerce a função em outro; a coordenação, em contrapartida, é definida como uma operação que articula orações sintaticamente independentes<sup>3</sup>.

Ancorado na GT, o ensino da subordinação e da coordenação é usualmente resumido ao reconhecimento das orações e à sua respectiva classificação, cuja extensa nomenclatura provoca (quase sempre) um grande temor nos alunos, seguido de conseqüente desmotivação. À luz dessa abordagem, é lhes ensinado que o diagnóstico das orações adverbiais<sup>4</sup> (consideradas pela GT como um subtipo das orações subordinadas) se dá basicamente por meio da identificação dos conectores<sup>5</sup> que as introduzem, presentes em extensas listas a serem decoradas. Esse método se mostra falho e substancialmente limitador: não seria surpreendente que um aluno estabelecesse uma proposição relacional<sup>6</sup>, entre uma cláusula<sup>7</sup>, por exemplo, introduzida por “quando” e a cláusula-núcleo a que se liga, distinta da nuance semântica de tempo, pré-estabelecida pela GT. Naturalmente, considera-se que essa abordagem pautada nos compêndios gramaticais decorra de uma metodologia

---

<sup>3</sup> Entre os gramáticos, há aqueles que definem a coordenação à luz do critério semântico: são construções que apresentam “sentido completo” (cf. Cunha & Cintra 1985; Kury 2002). Para uma discussão sobre esse tema, conferir Cavalcante *et alii* (2020).

<sup>4</sup> O referido método de reconhecimento se estende às cláusulas coordenadas, com a identificação das conjunções que as introduzem.

<sup>5</sup> Adoto, neste artigo, o termo *conector* por considerá-lo mais abrangente: há, por exemplo, itens que tradicionalmente não se encontram no quadro das conjunções, mas que, por motivos diversos, podem funcionar tanto como articuladores de cláusulas, quanto como articuladores de porções maiores do texto.

<sup>6</sup> De acordo com Decat (2010: 167), a proposição relacional consiste no “significado implícito que emerge da combinação de duas porções de texto, sejam elas orações ou porções maiores.”

<sup>7</sup> Os termos “oração” e “cláusula”, neste estudo, serão empregados como sinônimos. À luz das análises funcionalistas, o termo “cláusula” designa estruturas que evocam uma unidade informacional, apresentem elas verbo ou não.

analítica concernente ao objeto de estudo<sup>8</sup>, cujas fronteiras se restringem ao nível da sentença. Os múltiplos usos de certos conectores<sup>9</sup>, identificados a partir de uma perspectiva que rompa os limites da sentença, são basicamente ignorados pela maioria dos gramáticos tradicionais, o que faz com que as interpretações que fujam à prototípica sejam inadequadamente vistas como erros<sup>10</sup>.

Todavia, entre os anos de 1970 e 1980, ganha força uma linha teórica que se coloca na contramão dessa visão dicotômica: o Funcionalismo. Para esse modelo teórico, o pressuposto base é o de que a gramática é “alimentada” pelo discurso; não há sentido, pois, em estudar os padrões de uma língua despreendendo-os dos seus contextos reais de uso (cf. Neves 2018). Um interessante trabalho sobre a articulação de orações é o de Hopper e Traugott (1993), para quem, na verdade, haveria um *continuum* tripartite, em cujas extremidades estariam alocadas a coordenação e a subordinação; entre os polos opostos, encontra-se a hipotaxe<sup>11</sup>. Tais mecanismos de articulação são propostos com base nos níveis de integração gramatical (encaixamento) e de dependência (semântica). Para os autores, as cláusulas adverbiais são articuladas por hipotaxe, não por subordinação, em face de que elas não se vinculam às cláusulas-núcleo por encaixamento; contudo, ainda mantêm com estas uma dependência semântica. Para Matthiessen e Thompson (1988), as cláusulas hipotáticas<sup>12</sup> adverbiais estabelecem uma interdependência com o discurso e ampliam uma cláusula-núcleo circunstancialmente - devido a isso, também são chamadas pelos autores de “hipotáticas de realce”.

Sob o prisma de abordagens de orientação funcionalista, a proposição relacional é apreendida na articulação entre as cláusulas adverbiais e as cláusulas com as quais elas se combinam, inseridas em um evento discursivo. Em outras palavras, o conector representa apenas uma pista para a identificação dessa relação,

---

<sup>8</sup> As críticas, contudo, não desmerecem a importância da GT para os estudos linguísticos, de modo que é dela que costumam partir muitas das “nossas” análises, sejam estas de natureza formalista ou funcionalista.

<sup>9</sup> O conector “como”, em gramáticas como a do Rocha Lima (2012) e do Bechara (2004), é descrito como possível introdutor de adverbiais causais antepostas às suas principais, bem como de comparativas e conformativas; contudo, tal informação é apenas dada, conforme já dito, em listas para que os alunos as decorem. A falta de reflexão sobre os múltiplos usos de “como” resulta na não observação e não compreensão de que outros conectores podem também apresentar múltiplos usos.

<sup>10</sup> Bechara (2004) considera a possibilidade de confluência entre os conteúdos semânticos, contudo, de maneira geral, isso não é reconhecido por outras gramáticas tradicionais.

<sup>11</sup> Não é raro encontrar, na literatura especializada, os termos hipotaxe e subordinação sendo usados como sinônimos. Esta não é a posição adotada neste artigo, que segue a visão de Hopper e Traugott (1993).

<sup>12</sup> Para os autores, as orações relativas apositivas, tradicionalmente chamadas de adjetivas explicativas, também são articuladas pelo mecanismo da hipotaxe.

cuja circunstância evocada deve ser capturada, com efeito, ao se verificarem contextos reais de uso, como mostram, por exemplo, os estudos de Decat (2001) para o Português Brasileiro. Assim, um determinado conector prototípico para um valor semântico X pode introduzir uma cláusula circunstancial cuja inferência seja outra que não a prototípica, o que revela a sua polifuncionalidade - a exemplo do conector “p(a)ra” introduzindo construções com a nuance semântica de condição (Silvestre 2017; cf. Seção 3.2.2). Muitos pesquisadores defendem que a polifuncionalidade dos conectores, verificada através do *modus operandi* funcionalista, reflete casos de gramaticalização (cf. Barreto 1999; Ferreira 2008; 2013).

Como os estudos sobre a articulação de orações para o Português Brasileiro têm se concentrado majoritariamente na língua em sua modalidade escrita, considere pertinente olhar para as construções hipotáticas adverbiais em amostras recentes da fala do Rio de Janeiro, retiradas do *Corpus Concordância*. Dito isto, este trabalho tem como objetivo analisar o comportamento das cláusulas adverbiais - sejam elas desenvolvidas, ou reduzidas (de infinitivo e gerúndio), em situações reais de uso, a fim de mapear os tipos de hipotáticas que ocorrem e os conectores que as introduzem (em caso de serem orações desenvolvidas ou reduzidas de infinitivo), o que viabiliza a averiguação da noção de prototipia, observada na relação “nexo semântico x conector x contexto interacional”. Viso ainda a ilustrar possíveis padrões de uso de conectores não contemplados pela GT.

Por privilegiar a língua em contextos reais de uso, o arcabouço teórico em que me ancoro é o do Funcionalismo (Givón 1979; 1995; entre outros), o qual entende que a gramática se “molda” por pressões do discurso. Com isso, busco corroborar a literatura especializada concernente à investigação de usos prototípicos e não prototípicos de alguns conectores, tais como os trabalhos de Ferreira (2008, 2013), que focam o conector “quando”.

Feita a Introdução, este trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 1, apresento pressupostos basilares do Funcionalismo, bem como aponto, pautado nessa linha de pensamento teórico, como são compreendidas as cláusulas hipotáticas e a gramaticalização; na sequência, visualiza-se a seção Metodologia, na qual eu descrevo a amostra utilizada, o tratamento que lhe foi dado e delinheio a minha hipótese; na seção 3, apresento os resultados para a análise dos dados com as hipotáticas adverbiais; finalmente, teço algumas considerações sobre os resultados obtidos neste trabalho.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 FUNCIONALISMO: PRESSUPOSTOS BÁSICOS

Segundo Neves (2018), torna-se substancialmente complicado caracterizar o termo “Funcionalismo” com exatidão, em face de as diversas vertentes consideradas funcionalistas, bem como os estudos nelas inseridos, não refletirem necessariamente traços caracterizadores dessa corrente linguística; antes, elas se relacionam aos teóricos que empreendem tais trabalhos. O referido paradigma teórico não consiste, assim, em um campo de pesquisa unificado (cf. Neves 2018: 15). Prideaux (1994 *apud* Neves 2018) comenta a possibilidade de existirem tantas versões do Funcionalismo quantos linguistas orientados por esse(s) aporte(s) teórico(s). Neves (2018) conclui então que, dentro do rótulo Funcionalismo, na verdade, há modelos teóricos, que por vezes se mostram diferentes entre si. Todavia, é possível pontuar assunções basilares que legitimam o abrigo do conjunto de vertentes sob esse rótulo, mesmo que esse relativo grau de concordância não esconda as idiosincrasias de cada modelo - diferenças estas significativas.

O Funcionalismo ganha força a partir da década de 1970, com trabalhos como o de Givón (1979). De acordo com essa linha teórica, a língua, entendida como um instrumento de comunicação entre os seus falantes, “evolui” com o objetivo de atender às demandas comunicativas (cf. Barreto 1999: 62). Portanto, o foco das investigações funcionalistas recai em observar e analisar um determinado fenômeno inserido no contexto de uso, visando a capturar a interação entre estrutura linguística e situações discursivas. Com efeito, compreende-se que os contextos discursivos exercem grande influência na estruturação interna do sistema; entram em cena, pois, a semântica e a pragmática. Consequentemente, o pensamento-base funcionalista vai de encontro à ideia (das correntes) formalista(s) de que a língua é um sistema autônomo. Segundo Givón (1995: xv),

“[...] a linguagem (e gramática) não pode nem ser descrita nem explicada adequadamente como um sistema autônomo. Para entender o que é gramática, e como e por que ela vem a ser do jeito que é, o pesquisador deve fazer referência aos parâmetros naturais que moldam a linguagem e gramática: cognição e comunicação, cérebro e processamento da linguagem,

interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.”<sup>13</sup>  
(tradução minha)

À luz dessa concepção teórica, os falantes de uma língua não são dotados apenas de uma capacidade de codificação e decodificação de expressões; há também a capacidade de utilizá-las de forma efetiva, bem como interpretá-las, dentro de um contexto discursivo. A essa capacidade, alguns autores se referem como “competência comunicativa” (cf. Hymes 1974).

Inscritas no quadro funcionalista, é imperativo que sejam salientadas duas importantes noções, a de prototipia e a de iconicidade. Em relação à noção de prototipia, Rodrigues (2018), na esteira de Givón (1984), aponta que as categorias (linguísticas e cognitivas) de uma língua não constituem categorias discretas; não são estanques. Em cada uma delas, podem-se encontrar expoentes mais prototípicos (item central), que são identificados por reunirem um conjunto de traços maior para uma determinada categoria, e os menos prototípicos, que apresentam um número menor de traços característicos (item marginal). Então, a classificação dos elementos constituintes de uma categoria ocorre pautada no maior ou menor grau de semelhança (ou seja, conjunto de propriedades) que eles apresentam em relação ao protótipo (cf. Givón 1984). Ancorando-se nessa concepção, chega-se à conclusão de que a diferença entre itens de uma categoria X é gradiente: tal categoria apresenta uma estrutura prototípica com membros centrais, com os quais os membros marginais compartilham menos traços (cf. Rodrigues 2018).

No que tange à segunda noção, entende-se que a iconicidade, em sua versão mais forte, consiste na correlação natural entre forma e função. Assim, os linguistas de orientação funcionalista argumentam que a estrutura da língua espelha a estrutura da experiência (cf. Furtado da Cunha et alii 2015). Em outras palavras, a função determina a forma. Em sua versão mais branda, segundo Givón (1984), o princípio da iconicidade se apresenta em três subprincípios: (a) o da quantidade - quanto maior a quantidade da informação, maior a quantidade da forma; (b) o da integração - os conteúdos que, no nível da cognição, estiverem mais próximos, também estarão contíguos no nível da codificação sintática; (c) o da ordenação linear - a ordem dos elementos no enunciado instancia a ordem de importância do falante. Para o tema

---

<sup>13</sup> Do original: “[...] language (and grammar) can be neither described nor explained adequately as an autonomous system. To understand what grammar is, and how and why it comes to be this way, one must make reference to the natural parameters that shape language and grammar: cognition and communication, the brain and language processing, social interaction and culture, change and variation, acquisition and evolution.”

em análise, o terceiro subprincípio é particularmente interessante, sobretudo em caso de averiguação da ordem em que aparecem as cláusulas hipotáticas e nucleares articuladas.

Tal como diversos autores, assumo, neste trabalho, que a concepção de língua descrita anteriormente auxilia a compreender, de modo mais eficaz, se comparada às outras abordagens, a complexidade subjacente às cláusulas adverbiais, cujo valor semântico não está necessariamente relacionado à identificação do conector que as introduz; antes, a(s) relação(ões) proposicional(is) emerge(m) na compreensão do contexto discursivo, que, não tão raramente, é plural. O conector se configura apenas como uma pista ao diagnóstico dessa relação, não o “personagem principal” do processo de decodificação.

## **1.2 A HIPOTAXE ADVERBIAL**

Diferentemente dos enfoques tradicionais e formalistas, os pesquisadores de orientação funcionalista entendem não ser possível que uma análise da estrutura de uma língua se dê despreendida do seu contexto discursivo. Sob essa ótica, não se pode considerar a investigação da articulação de orações agarrando-se apenas ao nível sentencial, tampouco limitando os processos de construção do período à dicotomia subordinação x coordenação.

Pautados nesse quadro, Matthiessen e Thompson (1988) advogam que a articulação de cláusulas espelha a organização retórica do discurso. Os autores mencionam que as estratégias argumentativas se constroem a partir de diferentes mecanismos de vinculação clausal, cuja escolha claramente não é aleatória, estando ela atrelada à intenção comunicativa do falante/escrevente. Tais relações retóricas se subdividem em (a) núcleo-satélite e (b) multinucleares. À primeira relação, associa-se a articulação na qual as sentenças nucleares cumprem um papel central do falante/escrevente, e as satélites cumprem funções auxiliares - estas, tradicionalmente conhecidas como subordinadas; à segunda, associa-se a relação de não subordinação entre as cláusulas constituintes do período - as tradicionalmente conhecidas como coordenadas (cf. Decat 2010).

Na relação núcleo-satélite, Matthiessen e Thompson (1988) ainda diferenciam as construções que se vinculam por meio de “encaixamento”, como é o caso das completivas e relativas restritivas, e aquelas que se articulam por meio de

“combinação”, as subordinadas adverbiais da tradição gramatical, chamadas pelos autores de hipotática de realce<sup>14</sup>. Nota-se então que as hipotáticas adverbiais (satélite) não estabelecem uma relação de constituição com as cláusulas às quais se combinam, manifestando um vínculo de dependência semântica.

Merece igualmente ênfase o clássico trabalho de Hopper e Traugott (1993), segundo o qual haveria um *continuum* tripartite, em cujas extremidades estariam alocadas a coordenação e a subordinação; entre os polos opostos, inscreve-se a hipotaxe. Esses mecanismos de articulação são propostos com base nos níveis de integração gramatical (encaixamento) e de dependência. Para os autores, as cláusulas adverbiais são articuladas por hipotaxe, não subordinação, uma vez que elas não se vinculam às cláusulas-núcleo por encaixamento (vínculo sintático); contudo, ainda mantêm com estas uma dependência semântica, como se pode verificar no quadro a seguir.

PARATAXE	HIPOTAXE	SUBORDINAÇÃO
[- encaixamento]	[- encaixamento]	[+ encaixamento]
[- dependência]	[+ dependência]	[+ dependência]

**Quadro 1:** *Continuum* de dependência das cláusulas complexas (Fonte: Hopper & Traugott, 1993: 170)

Tendo em vista esse *continuum*, Hopper e Traugott (1993) redefinem a dicotomia da GT em 3 mecanismos de articulação de cláusulas: (a) a parataxe, que porta relativa independência, limitada pela pragmática; (b) a hipotaxe, que apresenta uma relação de combinação entre uma cláusula-núcleo e uma cláusula-satélite - não há elo de constituição; (c) a subordinação, que concretiza um vínculo de encaixamento entre a cláusula matriz e a subordinada - há relação de constituição.

<sup>14</sup> Os autores argumentam que a coordenação também é articulada via combinação; contudo, esse processo se dá em um nível diferente do das hipotáticas adverbiais (cf. Matthiessen & Thompson 1988: 282).



### 1.3 GRAMATICALIZAÇÃO

De acordo com Furtado da Cunha *et alii* (2015: 45), a gramaticalização é vista como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atua “tanto [sobre] as formas que vão do léxico para a gramática como [sobre] as formas que mudam no interior da gramática”. Os autores ainda acrescentam que a gramaticalização se relaciona à regularização do uso da língua; é, portanto, um processo por meio do qual se visualizam aspectos não estáticos dos sistemas linguísticos. Em outras palavras, pode-se dizer que ele se associa aos processos de variação e mudança linguística<sup>15</sup>. Segundo Hopper e Traugott (1993: 18), esse fenômeno pode ser definido como “o estudo de formas gramaticais [que], mesmo definidas, [são] vistas não como objetos estáticos, mas como entidades em processo.”<sup>16</sup> (tradução minha).

Inicialmente, os estudos linguísticos sobre gramaticalização tomavam como objeto de análise dois módulos, o Léxico e a Gramática (cf. Barreto 1999: 107). Em seu texto de 1979, Givón delinea mais um *modus operandi* para o referido fenômeno, ao inserir, na agenda de estudos linguísticos, a língua em contextos de uso. Desse modo, o autor designa uma definição de gramaticalização à luz de pressupostos funcionalistas, incorporando mais um módulo de análise, o discurso. Ainda nesse texto, é disposto um esquema que visa a contemplar as etapas processuais da gramaticalização (Givón 1979: 207), representado a seguir:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero

A partir da visualização desse esquema, nota-se que a gramaticalização consiste, segundo Givón (1979), em um processo unidirecional, cujo “movimento” acontece da esquerda para a direita. A cada etapa, os itens lexicais, em processo de sintaticização<sup>17</sup>, passam a executar funções mais gramaticais, contudo não totalmente fixadas. Com o progresso, o uso desses itens começa a se tornar mais previsível e

<sup>15</sup> Segundo Traugott e Heine (1991 *apud* Furtado da Cunha *et alii* 2015), a gramaticalização é um tipo de mudança linguística, em que são observadas mudanças nas categorias morfossintáticas do sistema linguístico.

<sup>16</sup> Do original: “grammaticalization is the study of grammatical forms, however defined, viewed not as static objects but as entities undergoing change”.

<sup>17</sup> Givón (1979) se vale do termo “sintaticização” para designar a passagem de um item mais discursivo para um item menos discursivo.

regular. Em seu último estágio, os elementos (agora funcionais) podem sofrer um desgaste tanto formal quanto funcional, a ponto de que tal erosão ocasione seu eventual desaparecimento.

Também se encontra, na literatura especializada, um esquema para a gramaticalização à luz de propriedades semânticas, que ilustra uma passagem de um elemento [+concreto] para [+abstrato]. Nessa linha de raciocínio, merece destaque o trabalho de Traugott e Heine (1991 *apud* Furtado da Cunha *et alii* 2015: 46), que estabelecem uma escala com o intuito de capturar “a abstratização gradativa no percurso de gramaticalização dos elementos linguísticos”, como se vê a seguir:

Espaço > Tempo > Texto
------------------------

Observa-se acima que, tal como no esquema de Givón (1979), a gramaticalização é entendida como um processo unidirecional. Semanticamente, ele se traduz como: um item pode passar de um elemento de valor espacial, mais básico e concreto, a um item de valor temporal, que, por sua vez, pode se converter em um item de valor mais textual (um conector, por exemplo). A partir dessa escala, é possível prever que esse processo se desdobre de duas formas. No primeiro caso, compreende-se que categorias gramaticais surgem a partir de itens lexicais de sentido concreto, como ocorreu com o conector “logo”, cuja origem remonta ao latim *locus* (com valor espacial, “lugar” - em português); atualmente, ele figura tanto como conector de construções coordenadas, como ainda mantém seu valor temporal, enquanto advérbio de tempo (cf. Furtado da Cunha *et alii* 2015: 55). No segundo caso, entende-se que a abstratização gradativa pode se dar em um elemento já gramatical, sem que haja a mudança de sua categoria.

A polifuncionalidade dos conectores em cláusulas hipotáticas (ou seja, a possibilidade de um conector introduzir uma cláusula circunstancial cuja inferência seja outra que não a prototípica) parece se inserir no segundo caso: eles mantêm a sua natureza gramatical; contudo, seu uso é expandido para além das circunstâncias para as quais eles tradicionalmente são designados. No exemplo a seguir, retirado da amostra analisada (cf. Seção 2.1), visualiza-se uma cláusula hipotática introduzida pelo conector “quando”, que se revela polifuncional. Se nos pautarmos no contexto discursivo, é possível que, da articulação entre essas cláusulas, se depreendam duas

proposições relacionais: a de tempo (a mais prototípica) e a de condição. Na Seção 3.2.1, retomo, com mais detalhes, o caráter polifuncional do conector “quando”.

- 1) “L: Assim... contra bebida eu não sou porque eu bebo um pouco mas eu bebo mas consciente do que tou fazendo mas agora têm umas pessoas eu sou contra. **Quando o pessoal bebe, perde a noção** briga fala merda faz fofoca ih: não gosto não” (M1A)

Na vasta literatura especializada, há, contudo, autores que criticam a abordagem unidirecional da gramaticalização. Apesar de ser um processo em que se ateste mais frequentemente um elemento [-Gramatical] se “reestruturar” em um elemento [+Gramatical], não se pode negar que nesse processo também é viabilizado que elementos [+Gramatical] eventualmente se tornem mais discursivos (cf. Mithun 2008). Apesar das críticas, conforme apontam Cezario e Alonso (2013: 23), “é notória a atuação do princípio da unidirecionalidade nas línguas, como parte de pressões do uso e de aspectos cognitivos gerais”.

Diante do exposto, depreende-se que, independentemente da abordagem utilizada, o fenômeno da gramaticalização é compreendido como um processo de regularização de usos, que opera sobre itens lexicais ou sobre os próprios itens gramaticais. Neste artigo, enfatizo a importância da frequência de uso dos conectores na emergência da sua polifuncionalidade: parece ser através da frequência que ocorre o desbotamento semântico, o que viabiliza o espraiamento do uso de certos conectores em construções cuja circunstância evocada é outra que não a prototípica.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 AMOSTRA E CRITÉRIOS DE COLETA

Para este artigo, foram utilizados 9 inquéritos da fala de Copacabana - Rio de Janeiro, extraídos do *Corpus CONCORDÂNCIA*<sup>18</sup>. Essa amostra é constituída de entrevistas transcritas, gravadas entre 2008 e 2010, durante as quais ocorre uma dinâmica entre dois participantes, um entrevistador e um entrevistado, que é indagado sobre tópicos diversos. Entre os temas abordados, está a sondagem da opinião do entrevistado sobre aspectos da cidade onde vive e sobre aspectos sociopolíticos, bem como estão questionamentos atrelados a momentos específicos de sua vida. Para o tratamento estatístico, utilizei o pacote de programas Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2005), uma vez que essa ferramenta é de grande ajuda para uma análise quantitativa mais precisa.

### 2.2 HIPÓTESE E PARÂMETROS DE CODIFICAÇÃO

Esta investigação teve como objetivo observar o comportamento das cláusulas adverbiais em um *corpus* da fala contemporânea, a fim de mapear os tipos de hipotáticas que ocorrem e verificar os (possíveis) múltiplos usos dos conectores que as introduzem. Busquei ainda registrar, sempre que possível, usos de conectores que fogem aos contemplados pela GT. Ancorada em trabalhos precedentes (cf. Decat 2001; Ferreira 2013), a hipótese norteadora deste estudo é a de que o contexto em que a cláusula adverbial está inserida pode influenciar na apreensão da nuance semântica estabelecida entre tal cláusula hipotática e a cláusula núcleo com que ela se combina, o que permite verificar a polifuncionalidade dos conectores, bem como a emergência de novos possíveis padrões de uso.

---

<sup>18</sup> Essa amostra parte do Projeto de Cooperação Internacional entre a Faculdade de Letras da UFRJ e o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e compõe o Projeto COMPARAPORT, disponível em [www.corporaport.ufrj.br](http://www.corporaport.ufrj.br). A amostra completa reúne inquéritos do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu), de Lisboa (Oeiras e Cacém) e do Funchal (capital da Ilha da Madeira), estratificados segundo a faixa etária (18-35; 36-55; 56-75), o nível de escolaridade (Fundamental, Médio e Superior) e o sexo (Homem e Mulher). Apesar de a constituição da amostra permitir a análise da estratificação social, julguei que não seria pertinente, neste primeiro momento, trabalhar os fatores dessa natureza; consequentemente, também não houve uma preocupação com a seleção dos inquéritos para a análise, que se encontram distribuídos, conforme apontado, em categorias macrossociológicas. Em trabalhos futuros, pretendo expandir a análise para os inquéritos de Copacabana que aqui não foram contemplados, bem como para os inquéritos que constituem a amostra de Nova Iguaçu.

Para a averiguação dos dados, os parâmetros de análise foram levantados com base em trabalhos anteriores sobre o tema (cf. Ferreira 2013; Rodrigues 2021; entre outros), entre os quais estão:

(a) Nexo Semântico 1 → Nuance semântica **primeira**, apreendida através da análise do dado inserido no contexto discursivo. Serão considerados os 10 subtipos de adverbiais encontrados em Rocha Lima (2012), a saber:

	<b>HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS</b>
<b>VALORES SEMÂNTICOS</b>	Causal
	Temporal
	Concessiva
	Final
	Proporcional
	Consecutiva
	Condicional
	Comparativa
	Conformativa
	Modal

**Quadro 2:** Distribuição das cláusulas hipotáticas, segundo o conteúdo semântico, baseado em Rocha Lima (2012)

(b) Nexo Semântico 2 → Em caso de dados cujo contexto permita a apreensão de um **segundo** nexos semântico<sup>19</sup>;

(c) Posição da cláusula adverbial → Anteposta ou posposta à oração com a qual se articula;

(d) Estatuto do conector → Tomo como base de prototipicidade, para esta codificação, a lista de conectores presente na GT de Rocha Lima (2012) e de Bechara (2004).

→ Prototípico;

→ Não Prototípico;

→ Híbrido (em caso de o conector ser polifuncional).

<sup>19</sup> Entendo que classificar as interpretações obtidas em primeira e segunda é decerto subjetivo. Contudo, em face de este trabalho visar a mapear todas as hipotáticas adverbiais, esta foi a solução encontrada para dar conta do cômputo do valor semântico da hipotática, da identificação do conector e da sua (possível) natureza polifuncional.

Apresentados a metodologia, a hipótese e os parâmetros norteadores deste trabalho, passo à análise dos resultados.

### 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1 RESULTADOS GERAIS

Para este trabalho, foram analisados 280 dados de cláusulas hipotáticas adverbiais prototípicas. Na tabela a seguir, distribuem-se essas construções, segundo seus valores semânticos com base na gramática de Rocha Lima (2012), bem como quanto à sua forma (desenvolvida ou reduzida de infinitivo / gerúndio). Vejamos, então:

	CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS CANÔNICAS		
	DESENVOLVIDAS	REDUZIDAS	
		INFINITIVO	GERÚNDIO
<b>CAUSAL</b>	<b>25</b>	--	<b>4</b>
<b>CONSECUTIVA</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	--
<b>CONDICIONAL</b>	<b>86</b>	<b>2</b>	--
<b>CONFORMATIVA</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	--
<b>COMPARATIVA</b>	<b>9</b>	--	--
<b>CONCESSIVA</b>	<b>27</b>	<b>6</b>	--
<b>FINAL</b>	<b>7</b>	<b>44</b>	--
<b>TEMPORAL</b>	<b>54</b>	--	<b>1</b>
<b>PROPORCIONAL</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	--
<b>MODAL</b>	--	<b>1</b>	<b>4</b>

**Tabela 1:** Distribuição dos dados de cláusulas hipotáticas adverbiais, segundo o conteúdo semântico

Ao analisar a Tabela 1, percebe-se que as cláusulas desenvolvidas são, no geral, as mais frequentes na modalidade oral, o que já era esperado - com destaque para as que evocam o conteúdo semântico de condição, tempo, concessão e causa. Caso averiguemos a natureza da amostra, que se constrói por meio de diálogos entre o entrevistador e entrevistado, talvez não seja um resultado tão surpreendente que

esses 4 subtipos de hipotáticas sejam os mais frequentes. De acordo com Ferreira (2013), as nuances semânticas podem ser favorecidas por certos tipos textuais: as sequências narrativas condicionam a nuance de tempo; as argumentativas, expositivas e injuntivas condicionam as nuances de causa, condição e concessão. Embora tais propriedades não tenham sido efetivamente controladas na análise, foi possível verificar que essas sequências textuais se manifestam nas entrevistas, dada a natureza da amostra. O conteúdo das perguntas, que versam sobre opiniões acerca do local onde os entrevistados vivem bem como sobre o modo como se deram suas respectivas infâncias e sobre cenários sociopolíticos reais e hipotéticos, parece condicionar tanto o inquiridor quanto o inquirido a evocar referidas nuances semânticas, sobretudo em momentos em que são narradas suas vivências<sup>20</sup>.

No âmbito da forma, chama a atenção a alta ocorrência de construções finais reduzidas de infinitivo, a única dentre as hipotáticas cujo número absoluto da forma infinitiva excede o valor absoluto da desenvolvida. Outro resultado interessante se verifica nas modais: apesar de seu baixo número absoluto, elas apresentam a peculiaridade, nos dados analisados, de serem evocadas apenas como reduzidas de infinitivo e (sobretudo) de gerúndio.

Os números absolutos referentes às nuances circunstanciais explicitadas na Tabela 1 refletem a codificação da minha primeira interpretação dos dados (via análise dos contextos discursivos); muitos deles apresentam também uma segunda leitura, o que revela, desse modo, os múltiplos usos de certos conectores que introduzem as hipotáticas analisadas. Na próxima subseção, um dos tópicos abordados é justamente o da polifuncionalidade; limito-me, entretanto, à exposição dos resultados para 3 tipos de hipotáticas, a temporal, a condicional e a final. Para finalizar esta subseção, dedico um breve momento à exibição de dois dados de hipotáticas (cujo valor semântico é distinto do de tempo, condição e finalidade), com usos que merecem destaque.

2. a) “L: apesar que [a minha filha] rabisca né pinta pega o lápis e pinta eles/ [as professoras] ensinam um monte de coisas porque assim eu não tou lá pra ver

---

<sup>20</sup> Não é raro que, em uma tentativa de tornar a entrevista mais dinâmica e, de certa forma, mais intimista, promovendo uma maior naturalidade para o diálogo, o entrevistador também faça menção às suas vivências. Deve-se lembrar que o objetivo dessas entrevistas é capturar, sobretudo, o “português vernacular” dos entrevistados.

mas ela já aprendeu bastante coisa **porque ela tem um ano e nove meses** não sabia falar direito agora que ela tá falando” [M1A]

- b) “L2: com certeza se eu pegar o livro eu entendo ( ) quando salta eu não entendo ( ) e aí? ( ) o que eu faço com essa informação?

L2: é o problema é esse só que **o estudo dirigido (é) que nem o que ele fez ( )**... respondi assim **sem saber nem sequer o que estava falando...**” [M3A]

Tendo em vista o exemplo (2a), é interessante destacar o curioso comportamento dessa hipotática adverbial. Estamos diante de uma hipotática concessiva introduzida pelo conector “porque”: pelo contexto, pode-se verificar que, a despeito da pouca idade da filha, a mãe chama a atenção para a sua rápida aprendizagem. Este é, a meu ver, o valor semântico mais facilmente identificável na análise desse dado. No exemplo (2b), atesta-se a ocorrência de uma cláusula que se insere no rol das hipotáticas comparativas, introduzidas pelo conector “que nem”, já efetivamente investigado por Rodrigues (2001, 2013). Em relação ao dado subsequente, é possível depreender do contexto uma leitura de concessão; a entrevistada narra uma situação em que ela responde a uma pergunta, “apesar de não saber o que estava falando”. Uma outra leitura possível, embora menos perceptível, seria a de modo, em que se entende que o fato de a entrevistada não saber o que fala se configuraria como a forma por meio da qual ela lidou com a situação - um modo de capturar essa leitura é imaginar o evento enquanto ele ocorre (possibilidade evocada pelo aspecto imperfectivo contínuo (Comrie 1976)). Caso essa leitura seja plausível, corroboram-se trabalhos precedentes que pontuam a possibilidade do conector *sem* figurar como introdutor de hipotáticas modais (cf. Neves 2000).

### 3.2 AS HIPOTÁTICAS E A POLIFUNCIONALIDADE: ALGUNS RESULTADOS

Esta subseção é dedicada à apresentação dos resultados para 3 tipos de cláusulas hipotáticas, a saber: a temporal, a condicional e a final. Em face de a codificação permitir visualizar a interpretação primeira e segunda (cf. Seção 2.2), optei por expor os resultados da seguinte forma: em um primeiro momento, (i) busco mapear os conectores que participam de cada uma dessas circunstâncias, bem como pontuar algumas de suas características, tendo como base a análise dos parâmetros



norteadores sinalizados na Seção 2<sup>21</sup> - neste ponto, os resultados serão referentes à interpretação primeira depreendida; na sequência, (ii) abordo brevemente a polifuncionalidade dos conectores “quando”, “se” e “p(a)ra”, conectores prototípicos (como será mostrado) de tempo, condição e finalidade, respectivamente - aqui, inevitavelmente recorro aos resultados do parâmetro (b). Durante a confecção do artigo, foi feita uma tentativa de dispor os conectores que apareciam tanto na primeira interpretação quanto na segunda; contudo, isso gerou uma repetição excessiva dos resultados. Com a adoção do critério mencionado, acredito que a exposição dos resultados tenha ficado mais objetiva.

### 3.2.1 CLÁUSULAS TEMPORAIS

Nesta análise, foram computados 55 dados de hipotáticas adverbiais temporais, dos quais 54 constituem cláusulas hipotáticas desenvolvidas e apenas 1 se apresenta com a forma reduzida de gerúndio, (3a-b).

3. a) “É eu ouvi falar bastante assim do/ porque a imagem que eu tive **quando comecei o estágio aqui** foi totalmente positiva não é nada que me disseram de um colégio público mas me falaram que aqui realmente... é singular é um diferencial esse colégio aqui... [as coisas funcionam.]” [H2A]

b) “D: eh você brinca com teus irmãos?

L: com meus irmão? de grande assim?

D: é

L: apesar que eu... muito não né sou mais de brigar

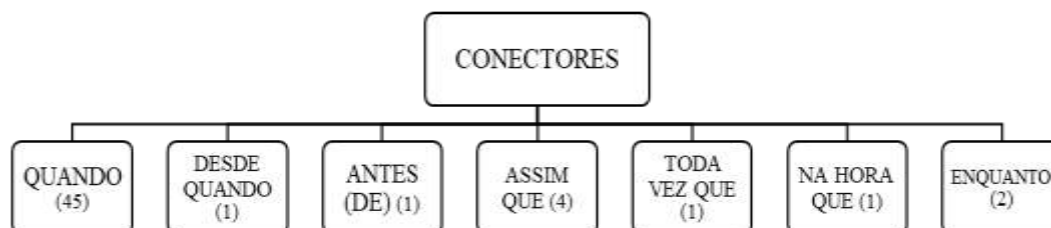
L: sem reclamação sem nada a gente só reclama porque de vez em quando [a gente] para com bolsa com criança **chovendo** aí fica difícil né.” [M1A]

No que concerne ao exemplo (3b), observa-se a possibilidade de leitura temporal, dada a sua forma gerundiva, que manifesta, nesse caso, um processo enquanto ocorre e que “realça” a oração à que se encontra vinculada - para facilitar o seu reconhecimento, basta substituir a forma gerundiva por uma cláusula

---

<sup>21</sup> Não serão apresentados os resultados para os parâmetros *Tempo* e *Modo Verbais*, que, embora interessantes, estenderiam ainda mais este artigo.

desenvolvida. Feito isso, teríamos um resultado similar a “a gente só reclama porque, de vez em quando, para com a bolsa, com a criança, enquanto chove. Aí fica difícil”. Definitivamente, esse não é o melhor exemplo para ilustrar uma cláusula temporal reduzida de gerúndio; a sentença em si, no meu entender, soa um pouco estranha. Contudo, por ser dado único, considero necessária sua exposição. Na Figura 1, estão dispostos os conectores introdutores das hipotáticas temporais encontradas na amostra.



**Figura 1:** Panorama dos conectores de hipotáticas adverbiais temporais encontrados na amostra

Conforme se verifica na Figura 1, o conector mais frequente em hipotáticas adverbiais é o já esperado “quando”, o que corrobora o trabalho de Neves e Braga (2016). Embora sejam observados em ocorrências isoladas na amostra investigada, eu gostaria de ilustrar o uso dos conectores “toda vez que” e, principalmente, “na hora que”. Eis os exemplos:

- c) “L: não frequento muito o Leme mas eu prefiro/... **toda vez que eu ando por aqui** eu prefiro aqui do que Copacabana... aqui é mais boni:to até/”  
[H1A]
- d) “L: **na hora que eu me formar** terei muita coisa para experimentar ainda”  
[M3A]

Tanto em (3c) quanto em (3d), verifica-se um possível processo de gramaticalização operante, em que os sintagmas “toda vez” e “na hora”<sup>22</sup>, ao passo que paulatinamente deixam de ser percebidos, nesse contexto, como elementos composicionais e formam uma locução com o complementizador “que”, passam a exercer a função de introdutores em cláusulas temporais. De acordo com Longhin-Thomazi (2011), essa construção perifrástica está “perdendo a composicionalidade”,

<sup>22</sup> Outra leitura possível para essa estrutura é a de relativa cortadora (cf. Tarallo 1983). Contudo, a leitura de hipotática adverbial, para mim, não é só possível como é a preferível.

resultado de uma reanálise de “Prep + SN + Relativa” para introdutor de hipotáticas. Esse caso fomenta perfeitamente uma importante discussão nos estudos linguísticos: que os limites entre uma e outra construção / categoria são tênues, parecem se entrecruzar.

Antes de adentrar o tópico central desta subseção, disponho a seguir um dado com um determinado uso, que merece ser destacado. Ei-lo:

- e) “L: ah eu acredito/ eu tenho muita fé em Deus... muita muita mesmo... porque até então **desde quando eu era pequenininha** eu só tenho um rim então... minha mãe teve muita fé em Deus que eu tava entre a vida e a morte hoje em dia eu tou aqui em pé graças a Deus né” [M1A]

Em (3e), visualiza-se, em uma hipotática adverbial temporal, o uso do conector “quando” precedido da preposição “desde”, formando uma locução conectiva<sup>23</sup> que parece ter encontrado sua “origem” no conector “desde que”, com uma possível substituição do complementizador “que” pelo conector “quando”. De fato, é um uso bastante intrigante, que me impulsiona a tecer duas considerações. Em primeiro lugar, penso que esse uso não se dê arbitrariamente, uma vez que os dois conectores-base (“desde que” e “quando”) tendem a introduzir (não somente) hipotáticas adverbiais, ou seja, evocam (ou preservam), em algum nível, o valor de tempo. Em segundo lugar, pode-se pensar que tal uso reflita o processo de gramaticalização atuante sobre “quando” (cf. Ferreira 2013): apesar de ainda conservar o valor de tempo em algum nível, o esvaziamento semântico desse item talvez se encontre em um estágio avançado (cf. Decat 2001), a ponto de ele “assumir”, na locução conectiva, o lugar de um complementizador, um elemento que certamente se encontra no topo da escala de itens funcionais. Em suma, a relação entre os dois conectores não se deu de forma arbitrária; contudo, a efetiva substituição pode decorrer de um estágio avançado de gramaticalização do item “quando”.

Ainda nesse cenário de gramaticalização de “quando”, foi atestada nessa amostra a sua polifuncionalidade - já explorada em outros trabalhos (cf. Ferreira 2008; Ferreira 2013). Nos dados a seguir, nota-se que a análise do contexto

---

<sup>23</sup> Apesar de, nessa amostra, ter sido computada apenas uma ocorrência da locução em questão (em adverbial canônica), pude atestar, em uma “investigação” informal, que tal uso não é tão raro quanto parece, sobretudo se nos pautarmos em dados extraídos do Facebook, por exemplo. Nesse caso, a frequência de uso, tão cara aos funcionalistas, pode também ser uma resposta ao licenciamento dessa locução conectiva.

discursivo é crucial para a apreensão das nuances semânticas outras que não puramente a de tempo.

- f) “os traficantes os bandidos eles descem os morros pra fazerem assaltos aqui embaixo pra arrecadarem recursos **quando a polícia dá enfrentamento e apreende drogas** então<sup>24</sup> eles encontram meios alternativos de arrecadarem dinheiro então eles descem pra assaltar ou pra roubar carros.” [H2A]

Repare-se que, além da nuance semântica de tempo, se depreende em (3f), a partir do contexto, a circunstância de condição, de modo que é possível a substituição de “quando” por “se”, o que facilita a apreensão dessa proposição relacional. Em particular, chamo a atenção para o verbo, que se encontra no presente do indicativo: veja que o presente do indicativo veicula o aspecto imperfectivo (habitual), o que pode motivar, de acordo com Neves (2000), a leitura condicional da hipotática. Na sequência, passemos para as relações circunstanciais de causa (3g) e de proporção (3h):

- g) “D: tá bom nem todo mundo que: vem de outra região acaba morando nas ruas né... [pra onde que as mulheres vão ( )? tem uma hipótese?  
L: [é... eh tipo eh antigamente quando havia espaço pra isso né era na/ as favelas eram o local de destino dessa população já que elas não tinham como se manterem lá eh nas regiões baixas [...] então elas iam pras áreas mais marginalizadas né [...] **quando elas vêm pra pra essas áreas aqui** acabam tomando contato também com drogas né sobretudo o crack..” [H2A]
- h) “D: menina e você não foi influenciada pra fazer psicologia?  
D: [e seu pai foi jogador... atleta... não te influenciou?  
L: também não... assim (hum)... assim **quando tava chegando a época do vestibular** ele falava “ah vai fazer o que vai fazer educação física:?” [M2A]

---

<sup>24</sup> Destaco, apesar de não estar necessariamente relacionado aos conectores ora analisados, a presença de “então”, um elemento que notei ser recorrente na posição inicial de cláusulas-núcleo articuladas às suas hipotáticas periféricas: considero que o uso desse item reforça / enfatize, nesse contexto, a relação de causalidade entre as duas cláusulas articuladas, relação essa que parece ser manifestada pela inferência de condição. Para Azeredo (2002), a relação semântica de causalidade contempla as condicionais, causais, finais e consecutivas.

Ao analisar (3g), é percebido que há uma relação de causalidade entre as cláusulas nuclear e hipotática articuladas: o fato de as mulheres se deslocarem para determinadas áreas resulta no seu contato com drogas em geral. Se substituirmos a adverbial desenvolvida por uma reduzida de infinitivo causal, a visualização dessa nuance semântica talvez fique mais clara - “por elas virem para essas áreas aqui, acabam tomando contato também com drogas”.

No exemplo (3h), atesta-se que a relação de proporção se encontra no domínio da nuance de tempo. Veja que “quando” não é o elemento que define a relação circunstancial de proporção; essa nuance é construída no contexto sintático-discursivo. Pode-se listar, inclusive, que a locução verbal “tava chegando” tem um papel fundamental na projeção de tal nexos semântico: em face de a forma verbal complexa apresentar expoentes morfológicos de aspecto imperfectivo contínuo, é permitida a visualização de um cenário no qual se captura um evento verbal enquanto ele ocorre (Comrie 1976). Essa possibilidade de captação das etapas internas de um evento parece constituir um importante ingrediente, que compactua para a interseção das noções de tempo e proporção. De acordo com Azeredo (2002), “quando” consiste em um conector neutro, cujos limites de utilização não são muito bem definidos. Decat (2001) argumenta que o espraçamento do uso desse conector ocorre em virtude de ele ter passado por um processo de esvaziamento semântico, como já foi comentado anteriormente.

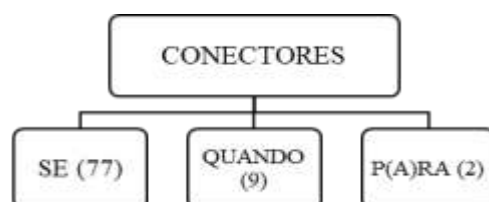
No que tange à posição da hipotática adverbial, 35 do total de 55 cláusulas se apresentam na posição anteposta à cláusula-núcleo. Além disso, 14 dos 35 dados com cláusulas temporais antepostas acumulam a inferência de condição, o que é particularmente interessante, uma vez que, conforme será mostrado adiante, as hipotáticas condicionais prototípicas tendem a aparecer à margem esquerda da sua nuclear, estando de acordo, pois, com o princípio da iconicidade.

### **3.2.2 CLÁUSULAS CONDICIONAIS**

Nesta investigação, foram computados 88 dados de cláusulas hipotáticas condicionais. Desse total, 86 se constroem como desenvolvidas e 2, como reduzidas de infinitivo, como se vê em (4a-c):

4. a) “a gente até tem uma prerrogativa lá na lei dizendo que o juiz tem que atender a gente... então assim **se você bater o pé** ele tem que te atender...” [H3A]
- b) “L:mas não é uma crítica mas um mau cristão na verdade... que acha que só ele tá certo... na verdade os... os fanáticos são um problema **quando se mistura a religião com criação de valores.**” [H1A]
- c) “eu acho que... primeiro é que tem muito advogado ruim...[...], **pra ser juiz** você tem que fazer Direito então... depois que ele vira juiz ele acha que ele é DEUS aí ele pára de “ah não advogado eu não atendo”... e essas/ essas são as:: principais”. [H3A]

Chamo a atenção para a hipotática reduzida de infinitivo em (4c): há a possibilidade de interpretar que uma das condições para se tornar um juiz é a de ter de fazer o curso de Direito, configurando, pois, uma hipotática adverbial condicional. De acordo com Dias (2001), as hipotáticas de finalidade antepostas figuram como um tópico, e as cláusulas a que elas se vinculam, um comentário. Na sequência, passo então para o elenco de conectores mapeados na amostra, que introduzem hipotáticas condicionais.



**Figura 2:** Panorama dos conectores de hipotáticas adverbiais condicionais encontrados na amostra

Visualizando a Figura 2, nota-se que “se” é, tal como apontam a GT e trabalhos recentes (cf. Ferreira 2007), o conector prototípico de hipotáticas condicionais. Neste momento, julgo necessário ressaltar que os resultados da Figura 2 são baseados na minha primeira interpretação dos dados, um dos parâmetros norteadores da análise (cf. Seção 2.2). Tendo essa informação em mente, pode-se inclusive fazer um apontamento: é interessante ver que os itens “quando” e “p(a)ra”, embora com frequência menor, possam estar vinculados a cláusulas cujas inferências “primeiras” não sejam a de tempo e finalidade respectivamente. Ou seja, há a possibilidade de

uma construção introduzida por “quando” e “p(a)ra” não remeter “de primeira” à noção de tempo e de finalidade. No que tange a “quando”, a literatura especializada já salienta que as fronteiras entre tempo e condição são bastante estreitas (cf. Ferreira 2007).

Todavia, o mesmo parece não ocorrer com o conector “se”, cuja inferência “primeira” se restringe, de acordo com os resultados, à introdução de apenas hipotáticas condicionais; na análise do contexto interacional, as 77 cláusulas introduzidas por “se” foram relacionadas imediatamente ao valor de condição, as possibilidades outras de interpretação surgiram após isso. Entendo que esse resultado é demasiadamente subjetivo; contudo, será que isso poderia indicar um esvaziamento semântico menor do conector “se” em relação aos outros dois<sup>25</sup>?

No que tange à polifuncionalidade, deve-se lembrar que a frequência parece exercer um papel fundamental nos múltiplos usos de um determinado elemento: a alta ocorrência de um conector pode condicionar o seu desbotamento semântico, o que viabilizaria o espraiamento do seu uso para construções com inferências para além da prototípica. Diante disso, não é surpreendente que o conector “se”, sendo o mais frequente, possa introduzir construções com valores outros que não apenas o de condição, embora, como dito acima, como segunda interpretação. Vejamos alguns exemplos:

d) “L: no caso hipoteticamente eu sou o prefeito do Rio de Janeiro... o que eu faria assim... [daria] todo aparato... educacional pra que elas cresçam né se elas chega/ dar...dar/ [...] **se a família não teve a competência de formar aquela/ aquele indivíduo** o Estado assume a responsabilidade de formar aquele indivíduo dar educação...” [H2A]

e) “D: entendi... você acha que advogado é meio que nem médico assim que toda hora ligam pra tirar Dúvida

D: **se descobrem que você é advogado** te param na rua.” [H3A]

---

<sup>25</sup> Talvez essa discussão não seja tão conveniente para o momento, e seja mais bem aproveitada em um possível experimento psicolinguístico de avaliação de valores das hipotáticas circunstanciais em questão. Nele, os participantes entrariam em contato com essas construções e externariam a sua primeira interpretação referente a elas. Desse modo, os resultados, embora ainda subjetivos, talvez fossem passíveis de algum tipo de generalização, uma vez que seriam obtidos à luz de rigorosos controles metodológicos.

Em (4d), pode-se depreender uma relação de causa e efeito, e, em (4e), uma nuance de tempo. Para finalizar, 75 dados dos 88 de hipotáticas condicionais se apresentam como cláusulas adverbiais antepostas às suas cláusulas-núcleo, o que pode estar atrelado a pressões funcionais (cf. Marchon 2017). Segundo Marchon (2017), o princípio da iconicidade justificaria a predileção dessas hipotáticas pela anteposição; nesse caso, a prótase (ou condição) precede a apódose (expressão do fato condicionado), já que, no âmbito da cognição, “a condição precede a consequência” (Marchon 2017: 132).

### 3.2.3 CLÁUSULAS FINAIS

Para as hipotáticas finais, computaram-se 51 dados, dos quais 44 são de cláusulas reduzidas de infinitivo e 7, de cláusulas desenvolvidas. Todas as cláusulas apresentam “p(a)ra” como introdutor, que assume categoricamente o estatuto de membro prototípico de estruturas com a nuance semântica de finalidade. Desse modo, pode-se dizer que, nos dados analisados, as hipotáticas finais são categoricamente introduzidas pelo conector “p(a)ra”; contudo, nem toda cláusula por ele introduzida confere uma inferência primeira de finalidade, como se observou na subseção precedente. Em face disso, atesta-se que “p(a)ra” é polifuncional, i.e, compõe construções articuladas entre si, cujo conteúdo semântico evocado não se limita ao de finalidade, como se verifica nos exemplos a seguir.

5. a) “L: assim... contra bebida eu não sou porque eu bebo um pouco mas eu bebo mas consciente do que tou fazendo mas agora têm umas pessoas eu sou contra quando o pessoal bebe perde a noção briga fala merda faz fofoca ih: não gosto não... que **pra beber** tem que ter noção de que você tá fazendo de que você vai fazer agora assim bebo bebo não mu:ito raramente **só pra curtir um pouquinho** mas fora isso... não gosto de de briga não gosto de discussão de confusão não.” [M1A]
- b) “L: primeiramente quanto aquele problema que a gente falou inicialmente os moradores de rua ter na/ eh se por exemplo no caso hipoteticamente eu sou o prefeito do Rio de Janeiro... o que eu faria assim... expandia a rede de abrigos e torná-los centros de formação... realmente do indivíduo e naqueles locais as



peças terem... eh: realmente acesso a cursos e dar àquelas pessoas que estão marginalizadas você dar todo aparato educacional **pra que elas cresçam né** se elas chega/ dar...dar/ oferecer cursos dar moradia descente então tornar os abrigos centros realmente de cidadania pra essas pessoas né.” [H2A]

Ao analisarmos (5a), verifica-se, na primeira, a possibilidade de uma leitura condicional para a cláusula hipotática, que pode ser reescrita como “se quiser beber, tem que ter noção”. Em relação à segunda, considero que seja licenciada mais uma leitura, além da circunstância de finalidade: a de tempo. Nesse caso, o referido conteúdo semântico emerge da compreensão de que o entrevistado esteja pontuando que ele bebe no momento em que ele queira “curtir”; o focalizador “só” parece condicionar, contudo, uma outra leitura: o valor de “motivo”, que parece manter uma estreita relação com a circunstância de causa.

Quanto à posição da hipotática, tal cláusula se encontra, em relação à sua nuclear, majoritariamente posposta - 47 de 51 dados. De acordo com Marchon (2017: 147), as cláusulas finais expressam um valor semântico “de projeção, de futuridade”, o que é corroborado por 2 dos 3 dados supracitados, cujas hipotáticas ocorrem em posição posposta: nos exemplos, visualiza-se, na hipotática final, uma ação que se projeta no futuro, o que pode estar associado ao princípio da iconicidade (cf. Marchon 2017). No caso da hipotática anteposta, a vinculação com a nuclear resulta naquela, conforme já exposto, a inferência de condição: esse dado é particularmente curioso, uma vez que nele não há a (usual) relação de “condição – consequência”; para se cumprir a condição da hipotática, deve-se preferencialmente realizar a proposição da cláusula nuclear posposta, que manifesta uma “avaliação/comando”.

Em suma, os resultados exibidos na subseção 3.2 evidenciam que o valor semântico emerge de um diagnóstico que contemple o contexto discursivo, o que confirma a hipótese levantada neste trabalho. Ao adotar essa concepção teórico-analítica funcionalista, torna-se possível capturar a polifuncionalidade de certos conectores, bem como novos padrões de uso para elementos que antes não se apresentavam como um conector. Ainda sobre a polifuncionalidade, enfatizo a importância da frequência de uso dos conectores na emergência da sua característica multifuncional: a alta frequência de um conector pode motivar seu desbotamento semântico, o que viabiliza o espraiamento do uso desse conector para construções cuja circunstância evocada é outra que não a prototípica - veja que os introdutores

mais frequentes das hipotáticas adverbiais temporais, condicionais e finais (“quando”, “se” e “p(a)ra”, respectivamente) são justamente aqueles em que se visualizam usos outros.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo traçar um panorama do comportamento das hipotáticas adverbiais em entrevistas de indivíduos de Copacabana - Rio de Janeiro, extraídas do *Corpus CONCORDÂNCIA*, a fim de mapear os tipos de hipotáticas que ocorrem e verificar os múltiplos usos dos conectores que as introduzem. A análise da polifuncionalidade se centrou nos conectores “quando”, “se” e “p(a)ra”.

Ao longo do artigo, constatou-se que uma abordagem centrada na sentença não é suficiente para ceder um tratamento efetivo às construções hipotáticas. Ancorei-me, pois, nos pressupostos basilares da corrente teórica funcionalista, que compreende que a língua é um instrumento a serviço da comunicação. Em vista disso, não há sentido em analisar um sistema linguístico sem que se considerem os contextos interacionais. Essa corrente de pensamento teórico, que não é uniforme “diga-se de passagem”, postula que a língua é moldada por pressões discursivas.

No que diz respeito aos resultados gerais, visualizou-se que as hipotáticas mais frequentes são as que evocam a circunstância de tempo, condição e causa, o que pode estar relacionado, em parte, ao conteúdo das inquirições feitas ao entrevistado. Em relação à forma das cláusulas, as hipotáticas finais se destacam por se apresentarem majoritariamente como reduzidas de infinitivo; ressaltam-se também as modais, manifestadas, nessa amostra, apenas como reduzidas de infinitivo e gerúndio.

No que tange especificamente às hipotáticas temporais, condicionais e finais, verificou-se que seus respectivos conectores prototípicos são “quando”, “se” e “p(a)ra”, conforme previsto na GT; contudo, constatou-se, no caso das temporais e condicionais, a utilização de conectores outros, tais como “na hora que”, que decorre de um processo de gramaticalização (cf. Longhin-Thomazi 2011), e o interessante “desde quando” para a primeira, e “p(a)ra” e “quando” em relação à segunda. É possível encontrar um meio de associar a alta frequência de “quando”, “se” e “p(a)ra” aos seus respectivos esvaziamentos semânticos (resultado de um processo de gramaticalização), culminando no espraiamento dos seus usos.

Quanto à posição desses 3 tipos de hipotáticas, atestou-se que as hipotáticas de realce de tempo e de condição tendem a aparecer antepostas às suas nucleares - no que concerne à primeira, parece haver uma predisposição em situar o falante no momento discursivo antes de ser introduzida a proposição da cláusula núcleo; no que tange à segunda, há a tendência de codificar a condição antes da consequência (cf. Marchon 2017), seja esta cláusula introduzida por “se”, “quando” ou “p(a)ra”. As hipotáticas finais, por sua vez, aparecem preferencialmente pospostas às suas nucleares, talvez devido à manifestação do seu valor semântico de futuridade (cf. Marchon 2017). Conclui-se então que a ordenação linear das hipotáticas não se dá arbitrariamente, mas por motivações discursivas, o que se associa ao princípio da iconicidade (Givón 1984).

Diante dos resultados, pôde-se confirmar a hipótese (já levantada em outros trabalhos) de que o contexto em que a cláusula adverbial está inserida influencia na apreensão da nuance semântica que se estabelece entre tal cláusula hipotática e a com que ela se combina, viabilizando a efetiva verificação da polifuncionalidade de certos conectores, bem como a emergência de novos possíveis padrões de uso.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2.ed., 2002.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1999. Tese de Doutorado.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed.rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virginia; COAN, Márluce. Sintaxe: articulação de orações. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Marai Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. (Org.). *Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer - volume 3*. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 3, p. 56-100.
- CEZARIO, Maria Maura da Conceição; ALONSO, Karen Sampaio. Estudos em gramaticalização: uma homenagem a Mário Martelotta. In: RODRIGUES, Violeta Virgínia. (Org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. 1ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2013, v. 1, 15-40.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press. 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al. Aspectos da gramática do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. *Calidoscópico (UNISINOS)*, v. 8-n3, 167-173, 2010.

DIAS, Nilza Barrozo. A articulação das cláusulas de finalidade: uma análise funcionalista. *Scripta*, 5(9), 2001. 67-76.

FERREIRA, Michelli Bastos. *Cláusulas condicionais: uma abordagem funcional-discursiva*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

FERREIRA, Vanessa Pernas. *A conjunção subordinativa quando na perspectiva funcional-discursiva*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. *O conector quando: uma análise pancrônica*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy. (ed.). *Syntax and Semantics*, v.12: Discourse and syntax, 1979.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. vol.1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

HOOPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KURY, Adriano da Gama. *Novas Lições de Análise Sintática*. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Flutuação e gramaticalização no paradigma dos jutores em português: forma, significado e história de (na) hora que. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13, 147 - 166, 2011.

MARCHON, Amanda Heiderich. *As teias da argumentação: um estudo de interface sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MATTHIESSEN, Christian.; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. 275-329.

MITHUN, Marianne. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*, v.84, nº1, 2008. 69-119.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. S. Paulo: Editora da Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Editora Contexto. 2018.

\_\_\_\_\_.; BRAGA, Maria Luiza. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *A gramática do*

*Português culto falado no Brasil - A construção das orações complexas*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016, 123-166.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. A expressão da comparação de igualdade em Português. In: RODRIGUES, Violeta Virgínia. (Org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. 1ed. Rio de Janeiro: Walt Print, 2013, v. 1, 127-146.

\_\_\_\_\_. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. *DIADORIM* (Rio de Janeiro), v. 20, 535-560, 2018.

\_\_\_\_\_. *Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?* 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2021. v. 1. 80.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldbvarb X Programs*, University of Toronto, Canada. 2005.

SILVESTRE, Raquel de Carvalho Pinto Escobar. *A polifuncionalidade do conector PARA*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, University of Pennsylvania, PhD Dissertation, 1983.

VIEIRA, Silvia Rodrigues.; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: <[www.corporaport.letas.ufrj.br](http://www.corporaport.letas.ufrj.br)> Acesso em: 1 de Julho de 2022.

Artigo recebido em 05 de julho de 2022.

Artigo aceito para publicação em 01 de setembro de 2022.